

A CRIANÇA—OBJETO NA PESQUISA PSICOLÓGICA

MELANY S. COPIT — MARIA HELENA S. PATTO

Do Instituto de Psicologia da USP.

INTRODUÇÃO

Na história da Psicologia brasileira a criança, enquanto objeto de pesquisa, está presente desde o início do século; se nesta época a vertente médico-hospitalar da psicologia científica em nosso meio estava mais voltada para o estudo da doença mental em adultos, os educadores, quase sempre ligados a Escolas Normais, encarregaram-se de implantar e desenvolver a psicologia do desenvolvimento infantil, através da condução de experimentos e pesquisas realizados em crian-

ças em idade escolar primária (Pessotti, 1975).

Neste sentido, o *Pedagogium* desempenhou papel de relevo, uma vez que foi junto a esta academia de pedagogos do Rio de Janeiro que foi criado, em 1916, um laboratório de psicologia pedagógica. Planejado por Alfred Binet, foi através deste laboratório que se deu a introdução dos testes psicológicos no Brasil, sobretudo os que tinham por objetivo medir as capacidades e habilidades infantis.

Numa linha semelhante e aproximadamente na mesma época (1914) é inaugurado, junto à Escola Normal de São Paulo, um laboratório de pedagogia experimental, onde abundava todo um instrumental destinado a medir reações psicofísicas em escolares. Numa publicação desta Escola Normal, datada de 1914, são várias as fotos nas quais normalistas operam complicados aparelhos e crianças são submetidas a estímulos cutâneos, visuais e auditivos, sob os olhares atentos dos pioneiros da psicologia experimental brasileira.

Um pouco mais tarde (1920), vamos encontrar Lourenço Filho dando início, junto à Escola Normal de Pi-

RESUMO

Baseadas em levantamento de trabalhos publicados em revistas e teses existentes na biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, as autoras analisam criticamente a produção acadêmica a respeito de crianças, na área de Psicologia. Mostram como as abordagens adotadas caracterizam-se, em geral, por não considerar a criança como um ser humano com subjetividade própria, tomando-a como uma entidade histórica, colocada em um contexto sócio-econômico mal definido, julgando-a a partir de padrões da classe dominante, isolada de seu ambiente, seccionada em comportamentos e habilidades avaliados a partir de instrumentos questionáveis. Além disso, os autores raramente estão vinculados a programas de ação que poderiam colocar em questão as análises realizadas.

SUMMARY

The paper is a critical appraisal of a sample of articles and graduate dissertations (PhD and MD Thesis) available in the library of the Psychology Institute of the University of São Paulo, that have children as subjects of psychological research. It demonstrates that the approaches adopted by the majority of the authors do not consider children as human beings with their own subjectivity, treating them as ahistorical entities, placed in a socio-economic milieu that is not well defined, judging them from the dominant class point of view, isolated from their natural environment, divided in many behaviors and abilities that are measured with questionable instruments. Besides that, the authors analysed are seldom engaged in programs of action that could question their intellectual work.

racicaba, a seus estudos sobre a maturidade para a leitura em escolares, continuados, mais tarde (1927), no laboratório e nas salas de aula da Escola Normal de São Paulo.

Estas poucas informações sobre os primórdios da psicologia da criança no país são suficientes para nos mostrar que os pilares da pesquisa nesta área da ciência psicológica são explicitamente positivistas. Transcorrido, porém, mais de meio século, durante o qual as premissas básicas da abordagem positivista às ciências humanas foram submetidas a severas críticas epistemológicas (por ex. Taylor, 1964; Veyne, 1971) e formulações teóricas alternativas sobre o psiquismo e o comportamento humano, em geral, e infantil, em particular; se desenvolveram, acompanhadas de novas propostas metodológicas e de pesquisa, que características assume o estudo da criança na psicologia produzida em nosso meio?

A PESQUISA DA PSICOLOGIA INFANTIL, EM SÃO PAULO: AMOSTRA DE UMA DÉCADA

Numa tentativa de responder a esta pergunta, não de forma exaustiva, mas com base numa amostra dos aspectos da criança mais freqüentemente pesquisados e, sobretudo, da metodologia usada nesta pesquisa, procedemos a um levantamento dos periódicos e das teses de mestrado e doutorado encontrados na biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), publicados em São Paulo, de 1968 a 1978. Analisemos o que foi encontrado em cada uma destas modalidades de publicação.

PERIÓDICOS

Em quinze revistas publicadas em São Paulo¹ foram encontrados oitenta e um artigos referentes à criança e algumas de suas condições físicas, de seus traços psicológicos e algumas das características de seu ambiente familiar e social. Tomemos como exemplo a ser analisado mais detidamente o *Boletim de Psicologia*, revista publicada pela Sociedade de Psicologia de

São Paulo, por ter sido neste periódico que encontramos o maior número de artigos referentes à pesquisa psicológica conduzida com crianças como sujeitos.

Dos vinte e dois artigos levantados nesta revista, quinze baseiam-se na aplicação de testes psicológicos, seis relatam os resultados de métodos e técnicas de modificação do comportamento e um gira em torno de sugestões de planejamento educacional visando à solução de dificuldades de aprendizagem de leitura. Os artigos referentes à aplicação de testes (de inteligência, de personalidade e de psicomotricidade) restringem-se ao estudo do instrumento em si (por ex., sua validação) ou de sua aplicação na avaliação de características psicológicas ou educacionais de crianças em idade pré-escolar e escolar primária; nestas pesquisas, os testes são tomados como instrumentos passíveis de detectar a "normalidade" ou a "anormalidade" de dimensões psicológicas infantis.

Entre as pesquisas conduzidas com crianças relatadas neste periódico, as que visam à modificação de seu comportamento através da aplicação de princípios do reforço estão, como vimos, em segundo lugar. Dos seis artigos que veiculam as vantagens desta abordagem ao estudo da criança e à atuação técnica junto a ela, cinco visam a modificar seu comportamento no sentido de levá-la a corresponder aos padrões de ajustamento e de aprendizagem exigidos pela escola-padrão, adaptando seus padrões de comportamento incompatíveis com a atividade escolar e levando-a a adquirir e a manter um comportamento escolar adequado.

Este mesmo modelo se repete, em linhas gerais, se levarmos em conta os demais periódicos consultados, tomados em conjunto. Predominam os estudos baseados na aplicação de testes psicológicos, seguidos dos programas de modificação de comportamento (comportamentos verbal, oral e escrito, perceptivo e social, quer em âmbito escolar, quer no âmbito do desempenho da criança excepcional). Mais recentemente, duas novas linhas de pesquisa psicológica da criança se configuram nestas publicações, em função da chegada ao Brasil de especialistas que, absorvidos pelas faculdades e universidades que ministram cursos de psicologia, imprimem à produção de seus colaboradores e orientandos a mesma direção de seus próprios trabalhos: a interação mãe-criança, no contexto da análise etológica do comportamento, e o estudo da psicogênese de conceitos lógico-matemáticos em crianças, através do referencial teórico-metodológico oferecido por Piaget (especialmente as chamadas "tarefas piagetianas"). A seguir, situam-se as pesquisas de caráter médico-psicológico que descrevem aspectos pediátricos, psiquiátricos, neurológicos, psicológicos e sociais de crianças desnutridas, mongolóides,

¹ *Boletim da FFCL-USP; Boletim de Psicologia; Boletim de Psiquiatria; Cadernos de Pesquisa; Ciência e Cultura; Estudos Cognitivos; Clínica; Lente; Modificação de Comportamento; Psicologia; Promoção Social; Revista Brasileira de Deficiência Mental; Revista Brasileira de Psicanálise; Revista Brasileira de Psiquiatria; Revista de Saúde Pública.*

anêmicas, portadoras de disfunção cerebral mínima, deficiências sensoriais e outras síndromes. Nestas pesquisas, a psicologia contribui com o fornecimento e a aplicação de instrumentos de medida (testes) de habilidades diversas, de acordo com o interesse particular de cada programa.

As pesquisas ou os relatos de casos isolados que fogem aos padrões psicométricos e de observação/modificação do comportamento numa linha comportamental constituem exceções que confirmam a regra: entre os 81 estudos levantados, apenas um contém reflexões sobre a adequação do método ao estudo do fenômeno em questão (agressividade patológica em crianças em idade escolar), bem como considerações sobre a complexidade psicológica e social da dimensão estudada e somente dois têm como referencial a teoria psicanalítica (no contexto do estudo de casos clínicos).

TESES

Foram examinadas 37 teses de mestrado ou doutorado existentes na biblioteca do IPUSP, que tiveram como sujeitos crianças em idade pré-escolar ou escolar primária. O quadro a que se chegou, a partir desta análise, não difere fundamentalmente daquele fornecido pelo exame dos artigos de revista: predominam os trabalhos numa linha comportamental, principalmente os de modificação do comportamento verbal, oral e escrito (15) vindo, logo a seguir, as teses baseadas na aplicação de testes ou tarefas de aprendizagem (14), as que se detêm na análise da interação mãe-criança, numa linha etológica (2) e as que se voltam para a análise da literatura didática (2). As quatro teses restantes referem-se a temas diversos dos anteriores, pelo menos quanto ao aspecto investigado: uma realiza o estudo de crianças isoladas, detectadas através da técnica sociogramática; uma se detém na análise de traços semânticos da metalinguagem de pré-escolares; uma analisa várias técnicas psicoterápicas infantis, em busca de um denominador comum e uma analisa a relação entre desnutrição e aprendizagem. Se diferem das demais quanto ao assunto, baseiam-se, em sua maioria, nos mesmos pressupostos teóricos e metodológicos ou na mesma concepção de ciências humanas que permeiam as outras teses. Assim, se nas revistas ainda predominam os estudos psicométricos da criança, nas teses a abordagem predominante passou a ser a comportamental.

Resta destacar um movimento nítido ocorrido nas pesquisas sobre a criança nesta década e detectável nas teses e nos artigos examinados: de pano de fundo indefinido, considerado como uma variável entre outras e de

igual peso (por ex., sexo e idade), o nível sócio-econômico passa a ocupar uma posição de destaque no estudo da criança brasileira; é neste contexto que surgem os conceitos de "marginalização cultural", "deficiência" e "carência cultural", cada vez mais freqüentes a partir do início da década de 70. Nestas pesquisas, a criança das classes subalternas é esmiuçada em suas habilidades (através de testes) e em seu comportamento, bem como modificada em suas "deficiências", para que se ajuste às necessidades de uma sociedade urbano-industrial, da qual se encontra supostamente marginalizada.

A CRIANÇA RETRATADA PELA PSICOLOGIA: MISTIFICAÇÃO OU CONHECIMENTOS?

Uma análise qualitativa das publicações acima mencionadas, em seus aspectos teórico-conceituais e metodológicos, permite-nos algumas conclusões:

1) nesses estudos a criança não é focalizada em sua condição de sujeito psicológico através da consideração de sua subjetividade, que confere um sentido ao seu ato, mas como um ser-substância, identificado com um aglomerado de condutas definidas a priori pelo pesquisador (Japiassu, 1975). Dessa forma, a objetividade e a racionalidade buscadas nessas investigações sobre, e não com, a criança implicam em suprimir de seus dados o ser humano com os significados afetivos que o determinam, bem como o contexto social e psicológico onde estão inseridos (Bleger, 1971);

2) a criança, na pesquisa psicológica, é considerada como um ser a-histórico, cujas necessidades, percepções, habilidades, capacidades e emoções transcendem o tempo e o espaço em que está inserida; esta conclusão é decorrência imediata do fato de que na maioria das pesquisas analisadas não há qualquer referência à formação social em que esta criança cresce, suas características econômicas e políticas e à maneira como o contexto macroestrutural influi sobre a própria constituição da infância enquanto etapa de vida nesta formação social específica;

3) o contexto sócio-econômico, quando mencionado, surge de duas maneiras básicas: reduzido à expressão "nível sócio-econômico", conotativa da existência "natural" de classes "alta", "média" e "baixa", ou no âmbito da problemática denominada "marginalização cultural", na qual as populações "marginais" e suas crianças são consideradas como "não pertencentes ao", "excluídas do" sistema social mais amplo e

passíveis de inserção graças à transformação de seu repertório de comportamento, habilidades e capacidades deficientes, em respostas, habilidades e capacidades presentes nos níveis sociais "superiores", supostamente detentoras das respostas adaptativas ou adequadas e, portanto, tomadas como padrão de normalidade;

4) jamais vista por inteiro, enquanto membro de uma classe social e submetida a determinações econômicas, culturais e políticas, a criança é seccionada em infinitos comportamentos e habilidades que, mesmo se reunidos, jamais levariam ao conhecimento da criança na sociedade brasileira, sua maneira de representar o mundo e de se representar neste mundo, com toda a complexidade que o termo "representação do mundo" assume numa abordagem filosófica da praxis humana;

5) submetidas (na acepção concreta do termo) a testes psicológicos cujo vocabulário, objetos e situações são característicos das experiências de uma classe social — a dominante — as crianças das classes trabalhadoras ou das populações "marginais", muitas vezes comparadas, nestas pesquisas, com crianças de classe dominante, são as grandes injustiçadas por estes instrumentos, a ponto de não sabermos, até o momento, quais de suas dificuldades decorrem de condições materiais de existência degradantes e quais as deficiências que lhe são atribuídas mas que, na verdade, decorrem da aplicação de instrumentos de medida inadequados;

6) isolada de seus contextos naturais de vida, a criança geralmente é estudada em laboratórios ou no ambiente escolar (geralmente a sala de aula), apesar do alerta já emitido por pesquisadores de outras áreas das ciências humanas quanto ao perigo de falsas conclusões presente nos estudos do comportamento humano em ambientes artificiais ou muito discrepantes de suas condições naturais de vida; neste sentido, são de grande importância os artigos de Houston (1970), lingüista norte-americana que tece severas críticas aos psicólogos que, desconhecendo da lingüística, pesquisam a linguagem ou o comportamento verbal da criança das classes oprimidas e chegam a conclusões cientificamente duvidosas mas ideologicamente úteis e enfatiza a importância do estudo da criança em seu ambiente natural, familiar e comunitário, através de técnicas não-moleculares de observação do comportamento, como é o caso, por exemplo, da observação numa linha antropológica;

7) voltados, sobretudo, para a feitura de teses e outros tipos de trabalhos acadêmicos, os psicólogos-pesquisadores raramente estão vinculados a programas de ação que permitam o movimento necessário de cotejo da teoria com a prática, num processo dialético que possa constituir um saber mais dinamicamente vinculado à vida.

Em síntese, do empréstimo de estilos de pensamento das ciências naturais e de sua aplicação ao estudo da criança, a psicologia realiza uma série de reificações que acabam por "desumanizar o indivíduo da mesma

maneira que o sistema político o desumaniza" (Ingleby, 1974, p. 296), isto é, representa como impessoais aqueles aspectos das pessoas que a ordem política necessita remover, ocultar ou dissimular. "Ao abolir a própria distinção entre pessoas e coisas, a psicologia facilita o uso das pessoas como se elas fossem coisas" (Ingleby, 1974, p. 296). A criança coisificada, partida, descontextualizada, gerada pela psicologia em nome de uma pretensa neutralidade científica, é um objeto fácil de manipulação, em nome de interesses econômicos dos grupos que detêm o poder; atesta esta verdade a criança-marionete dos programas de modificação de comportamento, dos programas de educação compensatória, das baterias de testes psicológicos, todos baseados em concepções ideológicas a respeito do ambiente social, dos vínculos existentes entre as agências socializadoras e a sociedade e das relações entre os homens que vigoram numa sociedade de classes. ●



FOTO: DERLI BARROSO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bleger, J. 1971. *Questiones Metodológicas del Psicoanálisis*. Em: *Métodos de Investigación en Psicología y Psicopatología*, Ziezensky, D (org.) Buenos Aires: Nueva Visión.
- Houston, S. 1970. A Reexamination of Some Assumptions about the Language of the Disadvantaged Child. *Child Development*, 41, 4.
- Ingleby, D. 1974. *The Psychology of Child Psychology*. Em: Richard, P.M. (org.). *The Integration of a Child into a Social World*. N.Y.: Cambridge University Press.
- Japiassu, H. 1975. *Introdução à Epistemologia da Psicologia*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Pessotti, I. 1975. Dados para uma História de Psicologia no Brasil. *Psicologia*, 1, 1, p. 1-14.
- Taylor, C. 1964. *The Explanation of Behavior*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Veyne, P. 1971. *Comment on Écrit l'histoire*. Paris: Éditions du Seuil.